Colégio de Aplicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Admissão

2012

2ª série ensino **médio**

Língua Portuguesa

Texto 1:

Os Lusíadas[1], Canto I

Luís Vaz de Camões
Poeta português, nascido em 1525, autor de Os Lusíadas, além de vasta produção lírica. Morreu em 1580.

103

Estava a ilha à terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade nela situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora ao longe descobria,
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

104

E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledo[2], porque espera
De poder ver o povo batizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis[3] da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baco[4] muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro[5], que tomara.

105

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Ó grandes e gravíssimos perigos!
Ó caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

106

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida[6]!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 1ª Ed. Lisboa: Rei dos Livros, 2002.

Texto 2: (fragmento)

Capítulo III do Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda

Padre Antônio Vieira
Religioso, escritor e orador português da Companhia de Jesus, com forte influência em termos de política e oratória, nascido em Lisboa, em 1608. Morreu na Bahia, em 1697.

Considerai, Deus meu — e perdoai-me, se falo inconsideradamente — considerai a quem tirais as terras do Brasil e a quem as dais. Tirais estas terras aos portugueses a quem nos princípios as destes; e bastava dizer a quem as dais, para perigar o crédito de

[1] ***Os Lusíadas*** é uma obra poética considerada a epopeia portuguesa por excelência. A ação central é a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, à volta da qual se vão descrevendo outros episódios da história de Portugal, glorificando o povo português. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Lusíadas)
[2] Ledo - ingênuo
[3] Batéis – naus, navios
[4] Baco – divindade grega do vinho, do prazer
[5] Mouro – islâmico, não cristão
[6] Avorrecida - aborrecida

vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês[7] com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, "quando dais, não vos arrependeis": *Sine paenitentia enim sunt dona Dei*?[8] Mas deixado isto à parte: tirais estas terras àqueles mesmos portugueses a quem escolhestes entre todas as nações do Mundo para conquistadores da vossa Fé, e a quem destes por armas como insígnia[9] e divisa[10] singular vossas próprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que às sagradas quinas[11] de Portugal e às armas e chagas de Cristo, sucedam as heréticas[12] listas de Holanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento vitoriosas, e aquelas abatidas, arrastadas e ignominiosamente[13] rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo*?[14] E que fareis (como dizia Josué) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta afronta?

Tirais também o Brasil aos portugueses, que assim estas terras vastíssimas, como as remotíssimas do Oriente, as conquistaram à custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar[15] vosso nome e vossa Fé (que esse era o zelo daqueles cristianíssimos reis) que por amplificar e estender seu império. Assim fostes servido que entrássemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permitis que saiamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade!), com tanta afronta e ignomínia[16]! Oh! Como receio que não falte quem diga o que diziam os egípcios: *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleret e terra*[17]. Que a larga mão com que nos destes tantos domínios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira, para aqui fora e longe de nossa Pátria nos matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fruto de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão ilustre sangue nestas conquistas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo[18], que apenas há baixio[19] no Oceano, que não esteja infamado[20] com miserabilíssimos naufrágios de portugueses? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves[21], das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim? Oh! Quanto melhor nos fora nunca conseguir, nem intentar tais empresas!

In.: MOISÉS, Massaud. *Literatura Brasileira através de textos*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2005. (p. 67-68)

[7] Mercês – bondade, graças, bênçãos
[8] *Sine paenitentia enim sunt dona Dei:* "quando dais, não vos arrependeis"
[9] Insígnia – sinal, símbolo, emblema distintivo de poder
[10] Divisa – sinal, marco, fronteira distintiva de patente militar
[11] Quinas – campos, terra
[12] Heréticas – que não acreditam em Deus, caluniadores
[13] Ignominiosamente – de modo infame, aviltantemente
[14] *Et quid facies magno nomini tuo:* "que será feito de vosso glorioso nome"
[15] Dilatar – expandir
[16] Ignomínia – vergonha, absurdo, desonra, aviltação
[17] *Callide eduxit eos, ut interficeret et deleret e terra*: "Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes, e para consumi-los da face da terra"
[18] Arrojo – ousadia, audácia, atrevimento, coragem
[19] Baixio – banco de areia
[20] Infamado – desonrado, difamado, desacreditado
[21] Alarves – rústicos, grosseiros, rudes, selvagens

Texto 3:

O homem; as viagens

Carlos Drummond de Andrade

Poeta, contista e cronista do modernismo brasileiro, nascido em Minas Gerais, em 1902. Morreu em 1987.

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado[22].
Vamos a outra parte?
Claro - diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto - é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca[23] se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?

[22] quadrado – expressão coloquial significando tradicional, conservador, repetitivo
[23] funde a cuca – expressão coloquial significando "fica estressado"

Não-vê que ele inventa
roupa insiderável[24] de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima[25] viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene[26], insuspeitada alegria
de con-viver.

In: DRUMMOND. Carlos Manuel Graña (org.). *Carlos Drummond de Andrade: Poesia completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (p. 718-719)

Texto 4:

O pódio mais heróico:
Na terra de Feidípedes, maratonista brasileiro deu show de garra e fair play
(sem autor)

Vanderlei Cordeiro de Lima tem uma medalha olímpica na maratona, o bronze conquistado nos Jogos de Atenas. Naquele dia 29 de agosto de 2004, Vanderlei foi apresentado ao mundo como herói. Ele driblou a adversidade da agressão de um desequilibrado mental, o calor e ainda deu show de fair play[27]. Vanderlei ganhou a 13ª medalha olímpica do atletismo nacional, numa disputa marcante – levada a efeito no percurso lendário feito pelo soldado Feidípedes, no século V a.C., para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas. Antes de Atenas, o melhor resultado do Brasil na maratona era o 10º lugar de Luiz Antonio dos Santos, nos Jogos de Atlanta, em 1996.

Vanderlei havia disputado os Jogos de Atlanta e Sydney 2000, mas foi aos 35 anos, na plenitude da maturidade psicológica, e em boa forma física, que foi para uma disputa olímpica com absoluta confiança de que poderia brilhar. Ele chegou à Grécia após uma preparação meticulosamente planejada, de 45 dias, na altitude de Paipa, na Colômbia.

[24] insiderável – neologismo no cruzamento de "incinerar" (queimar) e "sideral" (espacial)
[25] dangerosíssima – neologismo formado com radical de palavra inglesa "danger" e sufixo de língua portuguesa
[26] Perene – permanente, eterna
[27] Fair play – expressão de origem inglesa significando "bom desportismo"

Desde o início dos 42,195 km Vanderlei manteve-se no pelotão dianteiro, ao lado de fundistas como o recordista mundial Paul Tergat, do Quênia, a quem tinha inicialmente como referência. O percurso ele já conhecia, da disputa da Copa do Mundo de Maratona de 1997, também disputada na capital grega, quando ajudou o Brasil a ganhar bronze, com Luiz Antonio dos Santos e Osmiro Souza Silva.

Assumiu a ponta antes do km 20, conforme o plano traçado pelo treinador Ricardo D'Angelo, e liderava com 40 segundos de vantagem sobre o segundo colocado, o italiano Stefano Baldini, à altura do km 37.

Um incidente, que ganharia as manchetes de todo o mundo e passaria para a história olímpica, atrapalhou o paranaense de Cruzeiro D'Oeste, que trabalhou na lavoura na adolescência. Vanderlei foi empurrado por um manifestante que levava às costas mensagem confusa de teor religioso. Soube-se, logo depois, que se tratava de um irlandês, que já provocara confusões em outros eventos esportivos.

Os fiscais da prova, os voluntários e a segurança demoraram a agir. Vanderlei deve muito de sua recuperação ao apoio de populares que assistiam à prova naquele local, especialmente ao grego Polyvios Kossivas, que pulou as cordas que separavam o público dos corredores e liberou o brasileiro. Assim, o atleta pôde voltar à corrida, apesar da perda de tempo e do abalo emocional.

Vanderlei foi ultrapassado por Baldini e pelo americano eritreu[28] naturalizado norte-americano Meb Keflezighi. Ao cruzar a linha de chegada, com a certeza da medalha de bronze, comemorou da forma tradicional: esticou os braços e fez o "aviãozinho". Mereceu uma ovação[29] das milhares de pessoas que assistiam à chegada, no histórico Estádio Panatinaiko, sede da primeira edição olímpica moderna, em 1896. Vanderlei cruzou a distância em 2:12:11, enquanto que Baldini levou o ouro com 2:10:55, e Keflezighi a prata, com 2:11:29.

Teve reação que valorizou ainda mais a medalha. Avaliou que o acidente prejudicou a prova, mas não fez críticas aos organizadores, nem menosprezou a conquista dos outros maratonistas e ficou feliz com o bronze. "Não esperava e não tive reação para me defender porque estava concentrado. Aquilo me atrapalhou bastante, porque parei e perdi o ritmo. Não sei se venceria, mas certamente terminaria em melhores condições."

A Comissão Brasileira de Atletismo (CBAt) e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) pediram que Vanderlei fosse considerado campeão, juntamente com Baldini. O caso chegou à Corte de Arbitragem do Esporte (CAS), com sede em Lausane, na Suíça, mas o resultado foi mantido. Como reconhecimento, Vanderlei foi premiado com a medalha ***Pierre de Coubertain***, honraria muito especial concedida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI).

http://www.cbat.org.br/competicoes/rio2016/atletas_olimpicos_vanderlei.asp

[28] Eritreu – homem originário da Eritreia, país da África
[29] Ovação – conjunto abundante de aplausos e honrarias em reconhecimento ao mérito

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

CONCURSO DE ADMISSÃO À SEGUNDA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO - 2012

NIVELAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

05/11/2011

INSTRUÇÕES:

1. Confira o número de textos (4) e de questões (9) de sua prova.

2. Registre nas folhas do caderno de respostas seu número de inscrição no local solicitado, não escrevendo seu nome na prova, **de modo algum**.

3. Você terá 4 horas para concluir as provas de Matemática e Língua Portuguesa.

4. Faça letra legível: o que não for entendido não será considerado. Empregue em suas respostas o padrão culto da Língua Portuguesa.

5. Use caneta azul ou preta.

6. Não é permitido o uso de fita ou líquido corretivo.

7. Responda às questões sempre com suas próprias palavras, a menos que seja solicitada alguma transcrição do texto.

8. Não exceda o limite de linhas traçadas para cada questão.

9. Procure reler a prova antes de entregá-la.

10. Ao final da prova, entregue ao fiscal **todos** os cadernos das provas de Língua Portuguesa e de Matemática.